

# PODER FAZER E (NÃO) PODER DIZER\*

Maria Irma Hadler Coudry\*\*

Reny Maria Gregolin\*\*\*

## Introdução

**E**ste trabalho, inserido no âmbito da Neurolingüística, tem a finalidade de estabelecer que a avaliação da apraxia ideacional,<sup>1</sup> em casos de agramatismo, deve levar em conta o *déficit sintático*. O acompanhamento longitudinal de um caso (sujeito P) portador de uma afasia em que o nível sintático está afetado, e a análise lingüística de dados, abriu vias explicativas para apontar que são alterações de conhecimento lingüístico e não de conhecimento de mundo, que estão visíveis nos processos verbais de um sujeito que apresenta agramatismo.

\* Este trabalho foi produzido no âmbito do projeto integrado em neurolingüística (CNPq: 521773/95-4).

A versão preliminar deste texto foi apresentada numa comunicação no XI Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina, na Universidade de Las Palmas de Gran Canária (26 de julho de 1996).

\*\* Universidade Estadual de Campinas.

\*\*\* Universidade Federal do Paraná.

1 A partir de Liepmann, 1900, apraxia ideatória ou ideacional se caracteriza por alterações na seqüência de gestos/ações que envolvem ações/gestos complexos, na ausência de déficits motores. Ocorre que a avaliação de dificuldades dessa natureza se dá mediante a linguagem, ou seja, por comando verbal. O sujeito deve descrever, pela linguagem, e mostrar, por gestos, como proceder diante de uma "ação complexa", como acender uma vela, telefonar etc., relacionando linguagem e praxia, mesmo que não explicitamente, o que coloca afasia e apraxia também em relação. No caso de P, seu agramatismo, que também se confronta com questões de ordem sintática na construção de enunciados que contêm relações entre sentenças, pode revelar que não conseguir *dizer* em uma certa ordem não significa que não saiba *fazer* na seqüência demandada pela atividade práxica.

Primeiramente faremos considerações sobre as tendências teóricas da área; em seguida faremos considerações sobre o caso; os dados e, finalmente, mudanças significativas do quadro agramático de P – representativas de como P lidou com suas dificuldades durante o acompanhamento longitudinal e de como progrediu.

## **Considerações sobre a neurolinguística e as escolhas teóricas**

O trabalho de Coudry (1986, 1988), assume uma concepção de linguagem abrangente e pública em que a significação não é determinada previamente, mas se faz a partir de uma série de fatores lingüísticos e discursivos que relacionam o sistema lingüístico com processos de natureza (inter)subjetiva, situacional e cultural. Vejamos como Coudry (1986, 1988), baseada em Franchi (1976, 1977) fundamenta a necessidade de uma concepção explícita de linguagem para seu estudo em contextos patológicos.

Adotando a hipótese da indeterminação radical da linguagem e, portanto, a de que muitos fatores se aliam na produção da significação, não se pode porém, chegar à posição radical insustentável de que essa significação se produz sem expressões lingüísticas, ou que essas expressões se produzem sem regras construídas em uma práxis histórica e social: um discurso sem discurso (Coudry 1988, p. 78).

A partir de tal concepção é que construímos e analisamos os dados de sujeitos afásicos avaliados e acompanhados longitudinalmente. Assumimos, para avaliar e compreender processos de significação( patológicos ou não)que ocorrem na linguagem do sujeito afásico o que se convencionou chamar de uma teoria de linguagem enunciativo-discursiva. Enunciativo, porque importa a enunciação para o outro, em meio a contingências próprias de uso social da linguagem; discursivo, porque é a forma de a linguagem se apresentar e se expor como atividade significativa, estruturada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes. Quanto à avaliação da linguagem que deriva dessa perspectiva relacionamos aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como

aos processos alternativos de significação de que lança mão para com elas lidar. A avaliação constitui-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito trabalha com processos de significação, patológicos ou não, exibindo a ação criadora da linguagem (Franchi, 1977).

Para efetivarmos a enunciação, conhecimentos lingüísticos são necessários e no momento da avaliação e intervenção na linguagem dos afásicos é preciso ter claro qual é a origem da desestruturação enunciativa. Como no caso do agramatismo é a sintaxe que se abala, então uma teoria sintática orientou a análise de dados como também instruiu procedimentos de intervenção, mostrando como é fundamental para a reconstrução de processos lingüísticos a análise de qual conhecimento lingüístico se relaciona com a afasia, bem como o estabelecimento da relação desta com outros processos cognitivos.

No âmbito dessa Neurolingüística, que avalia e analisa processos de significação, alterados ou não, é considerado todo o funcionamento discursivo da linguagem porque essa é a maneira de a linguagem se apresentar. Não se trata de afasiologia lingüística, conforme propõe Caplan (1993), nem de lingüística na prática clínica, conforme propõe Grundy (1990), perspectivas estas que têm como finalidade a aplicação direta de conceitos lingüísticos às patologias de linguagem, a fim de estabelecer taxonomia com base nos achados clínicos.

A Neurolingüística discursiva, além de abarcar e contribuir para movimentos teóricos produzidos pela lingüística, e utilizá-los para a análise e compreensão de fatos patológicos, preocupa-se com as diferentes configurações e regularidades que as alterações lingüístico-cognitivas assumem, tendo como intenção, ainda, enfrentar a relação entre duas ciências – a ciência da linguagem e a ciência médica – que têm o que dizer uma à outra pelo interesse no mesmo objeto de conhecimento: a linguagem e cognição de sujeitos cérebro-lesados.

Contrariando a perspectiva da lingüística afasiológica, afirma Condry (1986, 1988):

Em relação à avaliação de sujeitos cérebro-lesados, segundo nosso ponto de vista, não se trata somente de inventariar os desvios de linguagem em relação ao sistema lingüístico utilizado pelos sujeitos que não são portadores de lesão: não existe, na prática com a linguagem, nenhum sujeito médio ideal, que possa ser tomado como padrão para uma bateria fixa de estratégias. Não se trata somente de um viés de lingüista para o qual a linguagem é certamente, além de uma prática, um objeto de conhecimento. Trata-se sobretudo de apreender no discurso

verbal e mental (mesmo quando fragmentário) os modos pelos quais ele organiza e estrutura os recursos expressivos de que dispõe ou os mecanismos alternativos pelos quais ele supre suas próprias dificuldades, de descobrir pelos indícios de sua fala e pelas suas manifestações explícitas, as hipóteses que ele mesmo faz a respeito dessa estruturação e dos mecanismos que ele põe em jogo para produzir significações, de definir com acuidade o lugar de suas dificuldades, sobre as quais deve operar. (Coudry, 1986/1988, p. 78).

Tratamos de uma concepção de linguagem que se orienta para uma teoria do discurso, considerando a afasia um fato de discurso, a partir do que podem estar alterados processos de significação, relativos a um nível de análise lingüística e a sua relação com os demais níveis (Benveniste, 1966; Jakobson, 1969, 1975); Coudry, 1996). Há outro ponto a ser destacado nessa perspectiva neurolingüística: o de que fatos de linguagem que só podem ser focalizados quando exibidos no funcionamento da linguagem ficam de fora dos parâmetros tradicionais de avaliação – estes centrados em tarefas predominantemente metalingüísticas, descontextualizadas e formuladas de acordo com a variedade padrão e normativa de linguagem.

Dada a necessidade de uma teoria sintática para explicitar as análises dos dados do agramatismo e explicar a competência do sujeito agramático Gregolin-Guindaste (1996) isolou questões de ordem discursiva e estabeleceu características do agramatismo, com base numa teoria chomskyana. Porém, para o processo de avaliação e de conhecimento de dificuldades e possibilidades de um sujeito afásico, e para a orientação terapêutica, a teoria chomskyana é limitada e não se ajusta, pois seu âmbito não abarca as questões relativas ao desempenho e ao uso social da linguagem em condições interativas. Por isso, considerar a Neurolingüística discursivamente informada, conforme Coudry (1986), evita enxergar a linguagem pela fresta estreita das descrições gramaticais que, se assim fosse tomada, não revelaria o que os dados de P apresentam: um trabalho lingüístico-discursivo de (re)construção de processos sintáticos. Ao considerar o âmbito maior da possibilidade de trabalho com e sobre a linguagem, na perspectiva da dimensão discursiva e na constituição de processos de significação que se determinam em contextos pragmáticos particulares, não se perde de vista que há processos essencialmente sintáticos envolvidos no agramatismo.

Apesar de optarmos em Gregolin-Guindaste (1996) pela teoria chomskyana para análise dos dados do agramatismo, seguindo uma forte tendência recente de trabalhos em Neurolingüística, é preciso salientar que foi a partir de um trabalho

com a linguagem discursivamente orientado, conforme Coudry (1988), que foram obtidos dados para análise, pois este é o lugar de acontecimento da linguagem externalizada, pública e historicamente motivada. Portanto, foi através de dados da performance que tivemos acesso à competência.

## **O caso P: um caso de agramatismo**

O agramatismo é caracterizado genericamente por um conjunto de fenômenos lingüísticos patológicos de natureza sintática e causado por lesão cerebral na área de Broca. Em primeiro lugar, salientamos o fato de que a linguagem patológica no quadro do agramatismo guarda características essenciais de linguagem humana verbal articulada e organizada.

Convém lembrarmos de início, que o sujeito acometido de agramatismo continua tendo conhecimento do mundo, tem memória, faz inferências, tem boa consciência de que tem dificuldades de linguagem e compreende as sentenças. Convém considerarmos ainda que o agramatismo de P se mostra mais em determinadas situações do que em outras (detalhes dessa condição podem ser observados em Coudry, 1996). O que pode também ocorrer em quadros de agramatismo é uma apraxia verbal que afeta a produção de gestos articulatórios.

A caracterização do agramatismo precisa explicitar o que o sujeito em questão consegue ou não produzir/compreender. Isso requer acompanhamento de dados de linguagem em diversos contextos verbais e situações discursivas, verificação de fatos sintáticos diversos em estruturas diferentes e levantamento e checagem de hipóteses, a partir de escolha de uma teoria adequada.

O caso P, um sujeito com 2º grau de escolaridade, que sofreu dois episódios neurológicos, foi acompanhado por Coudry de 1983 a 1998. O diagnóstico tomográfico revelou área de infarto cerebral têmporo-parieto-occipital esquerdo (Coudry, 1988, p. 95-96).

Para o estudo desse caso de agramatismo em português, os dados foram obtidos em situações discursivas envolvendo várias atividades enunciativas e diferentes configurações textuais (diálogos, narrativas, comentários sobre notícias de jornal, sobre fatos da vida, recontagens de histórias, fábulas etc.). Ao longo do acompanhamento longitudinal, o investigador expôs o sujeito a situações verbais que provocaram a fixação dos valores de parâmetros da linguagem, alterados pelo episódio neurológico. Esse trabalho teve início antes de qualquer análise sintática de teor gerativista do material lingüístico do agramatismo, conforme pode ser deduzido da descrição de Coudry (1988).

Então, para o estudo das estruturas sintáticas produzidas e compreendidas pelo sujeito P, os dados foram obtidos dos sucessivos diálogos de P com o investigador, em meio a ações lingüísticas significativas e investigação analítica (avaliação neurolingüística de seguimento), através de um procedimento em que o investigador levanta hipóteses até caracterizar o nível lingüístico envolvido na afasia. Passa, em seguida, a investigar profundamente as dificuldades, buscando conscientizar o sujeito sobre seu problema para obter, no processo terapêutico, a (re)construção da linguagem. Todo processo verbal foi acionado, em direção ao uso produtivo da linguagem, eliminando-se o artificialismo predominante nas testagens clássicas. Foram transcritas fitas, gravadas com intervalos variados, entre 1983 e 1996, totalizando 260 páginas de dados, ainda não publicados.

Convém lembrarmos que as conclusões da maioria das pesquisas na área são deduzidas de uma ou duas sessões de testes. Nesse tipo de atitude metodológica não fica evidente o modo como o sujeito agramático porta-se diante de atividades significativas com e sobre a linguagem, quando reconta episódios vividos, filmes, narrativas ouvidas, comenta notícias, descreve seqüências ou ações para realizar tarefas do cotidiano etc.

No estudo do agramatismo em português, assentado no caso P, além das situações discursivas elencadas acima, que faziam sua sintaxe exibir-se através de sua produção, houve direcionamento para os pontos problemáticos de sua sintaxe, numa certa hierarquia. Primeiramente foi “provocada” a emergência do verbo, da flexão verbal de tempo, da construção da sentença no eixo do verbo e, mais tarde, da estrutura interrogativa com movimento “Qu”. Foram feitas, em meio ao uso da linguagem, avaliações específicas (montadas especialmente para refinar o conhecimento das dificuldades lingüísticas e para analisar o percurso evolutivo de P). A cada momento do acompanhamento era verificado se o paciente construía estruturas que não produzia, como as passivas e relativas. Assim, os testes de compreensão, as repetições e a montagem de sentenças com cartões recortados foram feitos em meio a episódios de produção de linguagem, de modo que a descontextualização não constituísse variável que prejudicasse a compreensão.

Além das situações dialógicas, das repetições, dos pedidos de execução de ações orientadas pela linguagem, das perguntas para avaliar compreensão e dos subsídios fornecidos pelo investigador para que o sujeito pudesse construir estruturas sintáticas, como mostram os dados adiante, foram feitas avaliações dirigidas, com cartões, procedimento que consistiu em entregar ao sujeito sentenças cujas palavras eram recortadas em cartões, a fim de que fossem montadas novamente. Em meio ao uso da linguagem ia aos poucos se confirmando o fato de que o sujeito *P conseguiu*

*fazer o que não podia dizer.* Eram as suas limitações ao nível sintático que dificultavam a produção verbal.

Isto foi confirmado em vários episódios do acompanhamento do sujeito P, através do cumprimento de ordens. Tendo o investigador colocado três garrafas de vinho em três lugares diferentes (uma em cima da mesa, outra sobre a cadeira e outra no chão), e tendo pedido ao sujeito para pegar a garrafa de vinho que estava em cima da mesa, P primeiro ficou perplexo, mostrou três com os dedos e pegou corretamente a garrafa que estava em cima da mesa.

O que pode ter ocorrido é que o paciente tenha ignorado a relativa encaixada e operado com a estrutura “Pegue a garrafa em cima da mesa”, sem problemas para ele. Esta solução pragmática que encontrou não invalida a hipótese de que o agramatismo é uma afasia que se caracteriza por problemas sintáticos, o que fica evidente com a montagem da mesma estrutura em cartões. Logo após o acontecido P fez o seguinte arranjo: “Pegue o vinho que em cima da está mesa.”

## **O acompanhamento longitudinal**

O acompanhamento longitudinal dos dados de P mostra que nas sessões iniciais a categoria nominal predominava na sua linguagem. As insistentes provocações do investigador fizeram com que o paciente exibisse a categoria verbal, mas frequentemente a raiz lexical verbal recaía em formas nominalizadas de infinitivo e gerúndio, tendo sido evidenciada a dificuldade de realização das categorias tempo e concordância, com constantes instabilidades.

No decorrer do processo do acompanhamento, nomes e verbos foram se combinando cada vez mais e na Língua E (a língua do mundo, própria da performance, diferente da Língua I – internalizada –, própria da competência) pudemos observar produções cada vez mais frequentes de estruturas SVO (sujeito-verbo-objeto). Foi a conexão entre constituintes sentenciais isoladas, provavelmente preservados na linguagem interna que foram se estabilizando, e, ao produzir sentenças, o sujeito foi tornando visível uma gramática de sua língua particular. Este longo caminhar na constituição da gramática do sujeito P, ainda agramático, não foi observado em nenhum trabalho dentre os muitos a que tivemos acesso.

Ficou constatado, através do acompanhamento longitudinal dos dados de P, que não se tratava, nem no início do quadro, de uma perda de léxico. O acesso ao léxico e o desenrolar da narrativa eram bloqueados quando a dificuldade sintática emergia.

Fatos como esses não podem ser conferidos sem acompanhamento longitudinal ou sem superação das quantificações de categorias realizadas pelo sujeito, ou sem considerá-los em relação à estrutura sintática em que estão inseridos.

## Os dados

A seguir transcrevemos e comentamos trechos de situações discursivas que demonstram o progresso feito pelo paciente para recontar episódios nos quais a coerência sequencial das ações depende de um planejamento adequado.

Com a finalidade de tornar públicos os dados de linguagem de um quadro de agramatismo em português, optamos por apresentá-los em forma de relato. Para evidenciar o progresso obtido pelo paciente, salientamos três etapas, conforme apontado a partir da análise lingüística de Gregolin-Guindaste (1996). Os comentários que seguem os episódios de entrevistas permitem uma visão panorâmica do agramatismo de P. Foram selecionados dados de momentos diferentes do seguimento de P para mostrar que, embora continue afásico, o grau de severidade do agramatismo evoluía de grave para moderado. O sujeito P demonstrou ter melhorado seu *modo de dizer aquilo que sempre soube fazer*.

Notamos que P demonstra adequação e relevância na seleção de cada elemento fundamental na seqüência de ações necessárias para realização de tarefas, mas é a limitação sintática que lhe *impede de dizer o que sabe fazer*. A aquisição da flexão verbal e a estruturação do sintagma verbal caracterizam a primeira etapa de (re)construção da linguagem pelo sujeito P. Em seguida começa a se delinear a segunda etapa: aparecem as interrogativas e as sentenças passam a se estabilizar gradativamente. A terceira etapa caracteriza-se pelo aumento de produção de sentenças, inclusive interrogativas. Conforme cada etapa, delimitada através da análise de representações da competência, informada pela teoria da gramática gerativa chomskyana, pudemos evidenciar uma melhor performance quanto à capacidade de recontar eventos passados e de *dizer o que sabia fazer*. Os episódios 1, 2 e 3 abaixo<sup>3</sup> são representativos da primeira etapa:



- 1) INV.: - Conta para mim o que o senhor precisa fazer para mandar uma carta para alguém.  
 P.: - *Marília... Marília.*  
 INV.: - *O senhor vai mandar uma carta para Marília? É amiga do senhor? É cidade ou pessoa? Ela mora em Marília ou se chama Marília?*  
 P.: - *Sônia.*  
 INV.: - *Acabou de escrever, faz o quê?*  
 P.: - *Envelope.*  
 INV.: - *O que faz com o envelope?*  
 P.: - *Correio.*  
 INV.: - *O que faz aqui?( Pra que o senhor dá dinheiro?)*  
 P.: - *Selo.*  
 INV.: - *É de graça?*  
 P.: - *Dinheiro.*  
 INV.: - *Pra que o senhor dá dinheiro?*  
 P.: - *Selo.*

Apesar da predominância de núcleos nominais isolados, sem determinantes, sem verbos, as respostas demonstram que P compreende as perguntas do investigador. Logo, a compreensão das interrogativas está preservada e fica evidente que, apenas ao responder *Selo*, o papel temático é adequadamente selecionado para completar uma estrutura proferida pelo investigador: *Pra que o senhor dá dinheiro?* Predominam, nessa época, respostas curtas constituídas apenas pelo núcleo nominal de um argumento de um verbo internalizado.

O que os dados evidenciam é que o sujeito tenta a produção da estrutura sintática de modo independente, sem colagens à estrutura do investigador. Mas através desses dados não podemos afirmar categoricamente se existe estrutura sintática, mesmo que parcial, na gramática restante do paciente.

Porém, no mesmo período, 36 sentenças simples completas se exibiram na produção de P, cuja quantificação mostra 68,3% de núcleos de sintagmas nominais isolados nas respostas, como *dinheiro*, *Marília*. São representativos de 17,8% das sentenças que P realiza nesse ano dados como *Troca a courinha; Pega a chave outra vez; Relógio não precisa; Não sei*. Pode ser evidenciado, portanto, que P mantém a sintaxe da sentença transitiva, apesar das instabilidades de concordância de gênero e número.

A dificuldade de *dizer o que sabe fazer* fica evidente no episódio a seguir:

- 2) INV.: - Conta como o senhor faz para consertar uma torneira. O que o senhor faz primeiro?  
P.: - Como chama? *Tornera, torneiras.*  
INV.: - Como o senhor faz para trocar o courinho de uma torneira que está pingando?  
P.: - Chave... Chave.  
INV.: - Chave inglesa?  
P.: - *Troca a courinha.*  
INV.: - Quero que o senhor me explique tudo desde o comecinho.  
P.: - Tira.  
INV.: - Tirar a torneira? Vai espirrar água na sua casa.  
INV.: - Tem que fechar alguma coisa?  
P.: - É relógio... Relógio, não precisa.  
INV.: - Re...  
P.: - *Registro.*  
INV.: - E depois?  
P.: - Courinho. Troca e depois outro.  
INV.: - E daí?  
P.: - E daí corta na...  
INV.: - Tá tudo desmontado... E daí o que vai fazer? Põe courinho e depois?  
P.: - *Pega a chave... outra vez.*  
INV.: - Entendi. E daí abre a torneira e não sai água.  
P.: - *Registro.*  
INV.: - O que que tem que fazer? Fechar? Já tá fechado.  
P.: - *Vai lá e põe...*  
INV.: - O quê?  
P.: - *Registro.*  
INV.: - Então ele está fechado e não está saindo água. O senhor não está me explicando.  
P.: - *Courinho já está. Agora só na...*  
INV.: - Quer escrever?  
P.: - Não.  
INV.: - Quer desenhar?  
P.: - Não. Outra vez, troca, chave.  
INV.: - A torneira tá pronta, abre e não sai água... O que que tem que fazer com o registro?  
P.: - *Tá aberto...*  
INV.: - Quem abriu?  
P.: - Eu.  
INV.: - Na sua cabeça o registro tá aberto. O senhor não disse para a gente.

- INV.: - Na sua casa tem passarinho?  
 P.: - *Tem.*  
 INV.: - O senhor trata dele? Como é que trata?  
 P.: - Alpiste, alpiste, como chama?  
 INV.: - Quantos *passarinhos* o senhor tem?  
 P.: - *Uma só.*  
 INV.: - Ah! Uma passarinha. Como faz para dar alpiste para ela?  
 P.: - Alpiste... Como chama?  
 INV.: - Quero saber como dá alpiste para o passarinho. Põe na boca dele?  
 P.: - Não.  
 INV.: - Ga...  
 P.: - Gaiola.  
 INV.: - Água ele não toma?  
 P.: - *Água também. Tem outro também.* Como chama?  
 INV.: - Não tenho idéia do que é... almeirão? É líquido?  
 P.: - Não.  
 INV.: - É vitamina que põe?  
 P.: - Não sei.

Nesse episódio em que P conta como tratar o passarinho fica evidente a instabilidade da concordância nominal *Uma só*, fato que se repete ao longo dos dados. Podemos constatar ainda o uso de partículas como *também, já, ainda*, que aparecem desde o início do acompanhamento, ora em forma de reconstrução da estrutura anterior, ora como marcas de flexão verbal, ora como respostas curtas.

A estrutura argumental do verbo estava preservada, pois os papéis temáticos são determinados adequadamente aos argumentos que entram na relação sintática. Este fato confirma a preservação do léxico e as chamadas propriedades de subcategorização. São as propriedades lexicais preservadas que garantem a manutenção das relações semânticas e da grade argumental do verbo. Os sintagmas nominais nucleares, explicitados em seqüência adequada permitem afirmar que o sujeito mantém um planejamento adequado da seqüência de ações. É o que podemos observar no episódio 3.

- 3) INV.: - O que essa menina vai fazer?  
 P.: - *Água, né?*  
 INV.: - Já tem água aqui? O que ela vai fazer?  
 P.: - *Água ainda não tem. Mangueira tá aí.*

- INV.: - O que sai da mangueira?  
P.: - Água.  
INV.: - O que que a água vai fazer?  
P.: - Água.  
INV.: - O que que a água vai fazer?  
P.: - Tira... tirando.  
INV.: - A gente foi lá atrás, abrimos a torneira. O senhor molhou a mão. O que esta menina vai fazer?  
P.: - Molhada.  
INV.: - O que esta menina vai fazer?  
P.: - *Molhadas*.  
INV.: - *O que esta menina vai fazer? Como chama? Ela não fez ainda. Ela já molhou?*  
P.: - *Ela vai molhá*.  
INV.: - Quando a gente abriu a torneira a gente molhou a mão, não molhou?  
P.: - *Molhadas; molhadas não. É outro*.  
INV.: - Molhei. Eu molhei a mão.  
P.: - *A mão*.  
INV.: - O senhor foi até o tanque, não foi?  
P.: - Fui.  
INV.: - Molhou a mão?  
P.: - *Fui. Já*.  
INV.: - Molhou a mão?  
P.: - *Ainda não*.  
INV.: - O senhor molhou a mão aquela hora?  
P.: - Fui lá.  
INV.: - *O senhor molhou a mão? Fala:... Molhei*.  
P.: - Molhei.  
INV.: - *O senhor molhou a mão?*  
P.: - *Já*.  
INV.: - Não é “já” que eu quero. “Molhei”.

Na seqüência de dados observados no episódio 3, confirmamos as dificuldades sintáticas de P com as marcas de flexão verbal. Ora há regressão para o infinitivo, ora há parafasias, ora são usadas partículas como *já* para substituir a flexão de pretérito perfeito, ora é usada a partícula *quase*, acompanhando um verbo com flexão no passado para designar um acontecimento ocorrido. Estas partículas usadas como respostas curtas substituem a flexão verbal e evidenciam a seqüência dos eventos que a sintaxe visível, afetada com o episódio neurológico, não consegue marcar.

Os episódios 4 e 5 , abaixo, são representativos da segunda etapa de reaquisição da linguagem pelo sujeito.

Comparando o episódio 4, a seguir, com os primeiros dados apresentados nos episódios 1 e 2 , nos quais o sujeito conta como faz para mandar uma carta e para trocar o courinho de uma torneira, fica evidente o progresso sintático e o aumento da *capacidade para dizer* .

- 4)I NV.: – Como o senhor faz para enviar uma carta a alguém?  
 P.: – Endereço.  
 INV.: – E atrás do envelope?  
 P.: – Remetente.  
 INV.: – Faz o quê com o envelope?  
 P.: – *Vai no correio comprá selo e depois... urna.*  
 INV.: – O senhor já trocou o courinho da torneira. Como faz?  
 P.: – Chave de fenda.  
 INV.: – O senhor vai me ensinar. Pega a chave de fenda... ali.  
 P.: – Alicate. Aberto. Não. Registro.  
 INV.: – Desmonta a chave inglesa. Tira o courinho velho e aí...  
 P.: – Põe outro... courinho.  
 INV.: – E aí deixa tudo aberto?  
 P.: – *Monta.*  
 INV.: – E aí não sai água?  
 P.: – *Registro aberto. Fecha, o outro é...*

Na terceira etapa ainda fica evidente a limitação dos recursos sintáticos, na recontagem de histórias, mas o volume de linguagem aumenta consideravelmente, além de estar preservada a seqüência adequada.

- 5) INV.: – Ele tinha que fazer o quê?  
 P.: – *Atravessar uma ponte.*  
 INV.: – Atravessar uma ponte. Então...  
 P.: – *Ele viu imagem.* Como chama?  
 INV.: – Isso, senhor P. Viu a imagem dele na água.  
 – Ele pensou. Ele pensou que... *Ele pensou que era um outro... o...*

- P.: – *Oso.*  
INV.: – *Ele pensou que era um outro osso.*  
P.: – *Ele pensou a...*  
INV.: – *Que... que...*  
P.: – *E...*  
INV.: – *Que era outro osso, então... Então o que ele fez com o outro osso?*  
P.: – *Tava na água.*

A reaquisição de categorias funcionais mais altas na hierarquia, marcam o início da terceira etapa na reconstrução de processos sintáticos da linguagem de P. Começam a emergir algumas subordinações (*para e que*) e construções com dois verbos: com esse progresso sintático o sujeito P *consegue dizer com mais facilidade o que compreende e o que sabe fazer*. É o que mostram os episódios 6 e 7 a seguir: ao narrar como usa o controle remoto para abrir o portão eletrônico, P usa a conjunção *para* e uma estrutura com “*que*” na função de conjunção integrante.

- 6) INV.: – *Aperta qual botão?*  
P.: – *Esse aqui.*  
INV.: – *Depois.*  
P.: – *Porta aberta, né?*  
INV.: – *Abre.*  
P.: – *Abre... Outro.*  
INV.: – *Abre outro não. Para fechar.*  
P.: – *Para fechar aberta.*  
INV.: – *Bo...*  
P.: – *Botão.*  
INV.: – *Outro boto...*  
P.: – *Bateria isso aqui ou... é outra coisa...*  
INV.: – *Deve ter alguma pilha.*  
P.: – *Registrada.*  
INV.: – *É marca registrada.*  
P.: – *Pensei que era pequena.*
- 7) INV.: – *Como o senhor faz para cuidar do passarinho?*  
P.: – *Olho água e todo dia precisa. Jornal, todo dia, à noite, cedo...*  
INV.: – *O senhor troca?*  
P.: – *Troco todo dia.*

- INV.: – Eu quero que o senhor conte o que o senhor põe. Não quero ovo, alpiste, giló. Primeiro...  
 P.: – *Cedo, lavo, água, troca jornal. Agora é alpiste...*  
 INV.: – Ponho. Fala.  
 P.: – *Ponho alpiste, giló, vitaminas tem dia; outro é... alface.*

Esse último episódio, em que P reconta a seqüência de ações a partir da pergunta do investigador *Como o senhor faz para tratar o passarinho?*, é possível constatar, comparado ao dado 2, anteriormente mencionado, que a produção de linguagem do sujeito expandiu para estruturas mais complexas. Sua produção não é apenas *alpiste, gaiola, água também, tem, tem dois*. Agora suas realizações são: *Olho água e todo dia precisa; Jornal todo dia, à noite, cedo; Troco todo dia; Ponho alpiste, giló, vitaminas tem dia.*

No episódio 7, em que as dificuldades de P estavam sendo *provocadas* pelo investigador para serem *exibidas*, também fica evidente que P lida melhor com a linguagem do que no início do acompanhamento longitudinal, e a seqüência de sentenças produzidas indica seu progresso lingüístico. Apesar das instabilidades e das dificuldades com categorias funcionais, ainda presentes na gramática do agramatismo de P, nenhum verbo sem flexão é produzido. Concluímos que o progresso apresentado na (re)construção das categorias funcionais pelo sujeito P, conforme explicitado em Gregolin-Guindaste (1996), é paralelo ao progresso apresentado na recontagem de histórias e eventos e que é preciso compreender as dificuldades sintáticas para *saber o que P pode dizer e fazer.*

## RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar a evolução de um caso (sujeito P) de afasia agramatismo, através de um estudo discursivo, caracterizando os processos sintáticos implicados. O agramatismo compromete a complexidade sintática da linguagem (com relação às categorias funcionais) o que explica as dificuldades de compreensão e produção, conforme analisado no caso do agramatismo de P. O acompanhamento desse caso por 12 anos, confirmou que ele pode fazer aquilo que não pode dizer, devido às limitações sintáticas. Durante o processo terapêutico em que o sujeito foi exposto a diversas situações verbais, os valores dos parâmetros da língua particular foram sendo fixados. Em situação discursiva (diferentemente das situações artificiais dos testes

metalingüísticos) houve progressos e o sujeito passou a ser capaz de dizer aquilo que sabia fazer. Os dados mostram o progresso sintático do sujeito.

*Palavras-chave: Déficit sintático e apraxia ideacional.*

## RÉSUMÉ

Ce texte a pour but de montrer l'évolution d'un cas (sujet P) d'aphasie, l'agrammatisme, au moyen d'une étude discursive qui caractérise les processus syntaxiques concernés. En bref, l'agrammatisme étudié affecte la complexité syntaxique du langage (notamment la hiérarchie des catégories fonctionnelles), responsable des difficultés de compréhension et de production analysées dans le cas de l'agrammatisme de P. Le follow up de ce sujet, depuis 12 ans, a confirmé qu'il pouvait faire ce qu'il ne pouvait pas dire, étant donné les limitations syntaxiques qu'il éprouvait depuis son aphasie. En fait, pendant le processus thérapeutique P a été exposé à diverses situations verbales, ce qui a permis la fixation des valeurs de paramètres du langage. Cette condition discursive d'utiliser le langage à divers propos (à la différence des situations artificielles des tests métalinguistiques) lui a fait faire des progrès et l'a rendu capable de dire ce qu'il savait faire. Ces données permettent d'identifier les progrès syntaxiques du sujet.

*Most-clés: Déficit syntaxique, apraxie idéationnelle.*

## REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. Les niveaux de l'analyse linguistique. In: *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1966. p. 119-131.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- \_\_\_\_\_. O que é Neurolingüística? In: CASTRO, M. F. C. P. de. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 179-194.
- CAPLAN, D. *Neurolinguistics and linguistic aphasiology*. New York: Cambridge University Press, 1987.
- FRANCHI, C. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Campinas, 1976. Tese (Doutorado) - Unicamp.
- \_\_\_\_\_. Linguagem – atividade constitutiva. *Almanaque*, n. 5, p. 9-27, 1977.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R. M. *Agramatismo: um estudo de caso em postuguês*. Campinas, 1996. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas.



GRODZINSKY, Y. *Theoretical perspectives on language deficits*. Cambridge: MIT Press, 1990.

GRUNDY, K. *Linguistics in clinical practice*. London: Whurr Publishers Ltd., 1990.

JAKOBSON, R. Langage enfantin, aphasie et lois générales de la structure phonique. In: *Langage enfantin et ephasie*. Paris: Flammarion, 1969. p. 13-101.

\_\_\_\_\_. Les règles des dégâts grammaticaux. In: KRISTEVA, J.; MILNER, J-C.; RUWET, N. (Dir.). *Langue, discours, société*. Paris: Seuil, 1975. p. 11-25.